

# SÍNDROME CONGÊNITA DO VÍRUS DA ZIKA, EDUCAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE

Mirella Rabelo Almeida Farias (<sup>1</sup>); Pompéia Villachan-Lyra (<sup>2</sup>)

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Fundação Joaquim Nabuco, [mire.adonay@gmail.com](mailto:mire.adonay@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Fundação Joaquim Nabuco, [lyrapomp@gmail.com](mailto:lyrapomp@gmail.com)

**Resumo:** Em 2015, o surto do vírus da Zika foi alvo de atenção Mundial. A organização Mundial da Saúde (OMS) devido ao aumento da transmissão ativa do vírus da Zika. Entre as consequências do vírus mulheres grávidas começaram a apresentar graves sequelas no desenvolvimento fetal dos bebês em gestação e nos recém-nascidos. Assim, após diversos estudos, foi descoberta a Síndrome Congênita do Vírus da Zika. Em relação à educação, prevê-se para este ano a chegada das crianças com a SCZV nas creches de Educação Infantil, devido tanto à necessidade das mães de adentrarem novamente ao mercado de trabalho para obterem sua fonte de renda, como também a importância para o desenvolvimento dessas crianças na sua entrada na educação infantil. O presente estudo propôs-se a realizar uma sondagem inicial das expectativas das mães e dos desafios e das dificuldades dos professores com a chegada dos bebês com a SCVZ na creche e as possibilidades que uma educação transdisciplinar pode trazer. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as mães dos bebês e aplicado um questionário semiaberto à 76 professoras da Rede Municipal do Grande Recife. Constatou-se a necessidade, porém o grande receio em que as mães têm com a chegadas dos seus filhos com a SCVZ, e o desafio que será os professores recebê-los. Uma educação transdisciplinar poderá promover uma inclusão eficaz a partir do olhar para um sujeito em sua totalidade, trabalhando com afeto e sensibilidade.

**Palavras-chave:** SCZV, Mães, Inclusão, Professores, Transdisciplinaridade.

## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer do ano de 2015, o surto do vírus da Zika, transmitido por mosquitos infectados da espécie *Aedes (Ae.aegypti e Ae. albopictus)*, foi alvo de atenção Mundial. A organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 1 de fevereiro de 2016, na 3ª reunião do Comitê de Emergência, declarou emergência na saúde pública internacional devido ao aumento da transmissão ativa do vírus da Zika (de pelo menos 650.000 casos) em vinte e oito países e territórios. Entretanto, apesar do grande número de caso ao redor do mundo, nenhum de todos os países afetados, foi tão acometido como o Brasil e, em particular, o estado de Pernambuco.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo programa de pós graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) na UFRPE em Parceria com a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós graduação PPGECI na UFRPE em Parceria com a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). (83) 3322.3222

Entre as consequências do vírus, um dos impactos mais graves na população infectada pela Zika está em grávidas, que começaram a apresentar graves sequelas no desenvolvimento fetal dos bebês em gestação e nos recém-nascidos.

Segundo Feitosa et Al (2016), no segundo semestre de 2015, alguns médicos clínicos de alguns estados do Nordeste do Brasil, em específico da Paraíba, Pernambuco e Ceará, começaram a perceber e notificar o aumento de microcefalia em bebês de mães que tiveram infecção por Zika na gravidez (principalmente no primeiro e início do segundo trimestre). Foi em setembro de 2015, que ações de vigilância epidemiológica e assistencial foram implementadas, sendo reconhecida a possível associação da microcefalia com o Vírus. Em maio de 2016 com a publicação de dois estudos quase simultâneos, foi confirmada “a evidência etiológica do ZIKV para o que a literatura consagrou como a Síndrome da Zika Congênita (SZC) (Id, 2016, P.77), o qual mais adiante o Ministério da saúde denominou Síndrome Congênita do Vírus da Zika”, devido a que, a microcefalia era apenas um dos diversos efeitos do vírus Zika na gestação.

Os impactos sociais desta epidemia foram gigantes. Na educação prevê para este ano a chegada dos bebês nas creches. Diante deste cenário, destaca-se o objetivo deste artigo em investigar de maneira exploratória das expectativas das mães e dos desafios e das dificuldades dos professores com a chegada dos bebês com a SCVZ na creche e as possibilidades que uma educação transdisciplinar pode trazer.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Síndrome Congênita do Vírus da Zika**

A SCVZ é um quadro clínico que envolve um conjunto de alterações neurológicas decorrentes do agente infeccioso no organismo do bebê, a mesma é caracterizada por um padrão de anomalias congênitas, consequências do Vírus, que inclui, além da microcefalia, outras anormalidades neurológicas graves, que podem infligir danos severos no cérebro infantil em desenvolvimento. Os bebês nascem com a cabeça subdimensionada e tecido cerebral muitas vezes calcificado, podem ter problema de deficiência intelectual, paralisia cerebral, epilepsia, dificuldade de deglutição, irritabilidade, hiperexcitabilidade, choro excessivo, anomalias dos sistemas visual, auditivo e motor, déficits cognitivos, distúrbios do

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

comportamento, além do crescimento prejudicado, dependendo da etiologia e da idade em que ocorreu a infecção (EICKMANN, 2016).

Vale ressaltar que há uma grande multiplicidade de comprometimentos e variabilidade dos sintomas, uma vez que dependerá da área cerebral acometida, da gravidade da infecção e do período da gestação em que ocorreu a infecção.

O Brasil foi o país com maior número de casos de bebês com microcefalia, tendo 2.844 casos confirmados, segundo o boletim do Ministério da Saúde de Julho de 2017, dos quais 1.650 casos foram no Nordeste e 397 casos no Estado de Pernambuco (estado com o maior número de casos confirmados).

Segundo Gruendel, Gann y Reynolds (2016) os impactos sociais e econômicos, na saúde e na educação da SCZV são inúmeros, e são grandes as dificuldades para lidar com eles.

As famílias dos bebês com a SCZV em sua grande maioria são de classes sociais menos favorecidas e se encontram em situação de vulnerabilidade em razão da epidemia. Além disto, muitas famílias, especificamente as mães, abandonam os empregos para cuidar dos bebês acometidos pela SCZV, várias delas, o emprego era sua maior ou única fonte de renda para sua sobrevivência, sobrevivência do bebê e para os gastos necessários, tais como: remédios (de alto custo), fraldas, vestes, alimentos, passagens para transportar as crianças aos atendimentos médicos e terapêuticos.

Na saúde, a demanda pelos serviços públicos provocada pela SCZV cresceu em sobremaneira, havendo a necessidade da garantia e do cuidado e acompanhamento adequado das famílias e para os bebês acometidos pela síndrome. Diante deste quadro, foi fundamental a realização de estimulação precoce com os bebês e apoio médico especializado, buscando maximizar capacidades físicas e intelectuais das crianças, e promover a participação da comunidade e qualidade de vida global, pelos diversos centros de saúde públicos do país e no Estado de Pernambuco, como por exemplo a Fundação Altino Ventura (FAV) ou o Hospital Osvaldo Cruz, entre outros. O ministério da Saúde em janeiro de 2016 lançou diretrizes para profissionais da saúde como médicos pediatras, neurologistas, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, entre outros visando a estimulação precoce de crianças de 0 a três anos. Embora o investimento inicial tenha sido realizado na equipe de saúde, recentemente tem-se buscado também engajar os gestores e profissionais de Educação no acolhimento a tais bebês e crianças, que já começam a estar em idade de ir para as creches.

Assim, como na saúde, as consequências da SCVZ atingem diretamente a Educação. Prevê-se para este ano a chegada das crianças com a SCZV nas creches de Educação Infantil, devido tanto à necessidade das mães de adentrarem novamente ao mercado de trabalho para obterem sua fonte de renda, como também a importância para o desenvolvimento dessas crianças na sua entrada na educação infantil. No entanto, a entrada desses bebês nas creches é uma questão complexa, inesperada e incerta. que demanda investigação, investimento e uma pedagogia que tenha por base, além do disciplinar, os valores transdisciplinares.

## **2.2 Transdisciplinaridade**

Segundo Morais (2015) vivemos em um mundo mutável, confuso, suscetível às diversas emergências e necessidades de transcendência para as quais, como humanos, ainda não estamos preparados.

Estamos de novo perplexos, perdemos a confiança epistemológica; instalou-se em nós uma sensação de perda irreparável tanto mais estranha quando não sabemos ao certo o que estamos em vias de perder (SANTOS, 2008, P.17).

Morais (2015) nos traz diversos questionamentos: Como humanos, como resolvemos as situações adversas? Uma visão fragmentada da realidade dá conta de resolver as problemáticas em que estamos perplexos e submersos? Existe um fato de que, tal questionamento que nos é trazido à tona, não pode ser apenas deixado de lado, ou esquecido, pois, os impactos de tal atitude podem ser múltiplos nos mais diversos aspectos, não só para as presentes, mas para as futuras gerações.

Existe a urgente necessidade de que, sob uma nova perspectiva, haja uma quebra de paradigmas e uma transformação para um novo tipo de pensamento, que envolva, o problema em toda sua dinâmica complexa, indo além do disciplinar, do multidisciplinar e ainda do interdisciplinar, sendo capaz de envolver aspectos no seu sentido global, completo e complexo da problemática que nos é evidenciada (Id, 2015). A perspectiva da visão transdisciplinar traz uma quebra de modelos e padrões hegemônicos, sendo necessária às dificuldades e à complexidade do nosso momento atual.

Segundo Santos (2008), no paradigma da modernidade, na lógica de Descartes, o conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar a relações sistemáticas entre o que foi separado. Ou seja, nesta visão, o mundo é concebido na separação do sujeito-natureza, sendo excluída a subjetividade humana, o afeto e priorizado os conteúdos quantificáveis, fragmentados e disciplinares

A crise no paradigma dominante vem propiciando uma profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento científico, uma reflexão imensa e diversificada. Tal reflexão não é um ponto isolado dessa ciência, mas faz parte de um movimento convergente que atravessa as ciências da natureza e até as ciências sociais, em um movimento transdisciplinar.

A transdisciplinaridade não é uma nova filosofia ou ciência. Ela não nega o disciplinar, mas o complementa. Segundo Moraes (2015) a transdisciplinaridade refere-se ao que está ao mesmo tempo entre a disciplinas, através e além delas. Ela transcende os campos disciplinares, iluminando-os de uma nova maneira.

Assim, a transdisciplinaridade, como princípio epistemológico e metodológico, incentiva-nos a não permanecermos somente no nível disciplinar do conhecimento que, muitas vezes, apenas privilegia os aspectos técnicos os procedimentos lineares e a externalidade aparente das coisas. Ela enseja o rompimento de barreiras, superação de fronteiras para poder ir além das aparências [...] e direção a conhecer um mais profundo, abrangente, integrativo e global (MORAES, 2015, P.82).

A transdisciplinaridade na Educação se mostra a partir de uma configuração não apenas cognitiva, mas biopsicoespiritual, ecosociopolítica e transpessoal. Ela dá sentido à docência e a nossa maneira de ser, seres que se constroem, reconstroem, com base nas vivências, experiências e convivências (Id, 2015), imprescindível para um olhar específico na chegada dos bebês com a SCVZ nas creches.

### **3 METODOLOGIA**

Considerando o objetivo de sondagem inicial das expectativas das mães e dos desafios e das dificuldades dos professores com a chegada dos bebês com a SCVZ na creche, os registros de informações foram produzidos em duas etapas.

Na primeira utilizou-se como instrumento a entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro organizado em torno de questões sobre receio dos pais e a chegada dos bebês nas creches e necessidades pedagógicas para o acolhimento dos bebês na concepção da família. Na segunda, foi utilizado um questionário semiestruturado organizado em oito questões, sendo 6 delas fechadas e 2 abertas. As questões estavam organizadas em: Conhecimento geral sobre a SCVZ, rotina na creche da criança com SCVZ, objetivos pedagógicos e SCVZ e Conhecimentos necessários na Prática docente e SCVZ na perspectiva docente.

As entrevistas foram realizadas com 6 mães de bebês com SCVZ da Região Metropolitana do Recife, sendo duas delas, mães adotivas. As idades variavam dos 20 aos 50 anos. Já o questionário foi aplicado com 76 professores das Redes Municipais de Educação Infantil de Pernambuco. Dos 76 professores participantes, 100% foi do sexo feminino, com idade entre 20 e 60 anos. O tempo de atuação profissional na Educação Infantil dos participantes variava de três a 35 anos.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSÃO**

Na fala das mães, as mesmas alegaram que é uma necessidade e um direito dos bebês a entrada delas nas creches, porém, elas não se sentem seguras em deixar seus bebês aos cuidados dos docentes na instituição escolar em razão de alegarem que tais profissionais não estão preparados para recebê-los devido à fatores como: limitações orgânicas da criança, despreparo dos profissionais da educação, tanto quanto ao conhecimento das características da SCVZ e o saber lidar com as necessidades neurológicas e biológicas, sociais e afetivas delas e quanto na promoção da inclusão.

Vemos a seguir, nas seguintes falas:

Penso em umas escola que atenda né? Uma escola qualificada que atenda crianças assim; Por que assim o que eu imagino mais tarde, ela vai pra uma escola mas ela não vai acompanhar as outras crianças né? E de uma forma ela não vai acompanhar por que ela tem um problema... então assim me preocupo nessa parte mais tarde onde é que eu vou botar minha filha? Por que não te uma escola que dá né? (...) Que eu saiba não tem uma creche qualificada pra botar, então já é esse dificultoso (M5, 2016).

Vai ter os profissionais qualificados? Vai ter as pessoas especializadas pra cuidar deles? Elas vão saber das necessidades? Do que eles precisam? Se for uma creche preparada com tudo isso botaria sim (M6, 2016).

As mães ainda sentem receio, por exemplo, de como os profissionais das creches vão lidar com os bebês em casos de emergência como uma crise convulsiva, como vão alimentá-la diante de um quadro de disfagia ou ainda como irão lidar com sua rigidez muscular em casos de hipertonia? Além disso, há o temor ao preconceito que esses bebês podem sofrer no contexto da escola.

Por outro lado, há também a preocupação dos profissionais de educação que não se sentem preparados para receber essas crianças nas creches, uma vez que (M1) temática 2

problemática não fez parte do seu processo de formação (nem inicial nem continuada). Os dados dos professores nos mostraram que apenas 2% tinha algum conhecimento sobre SCZv e nenhuma delas afirmou sentir-se preparada para receber essas crianças em sua unidade escolar. Em relação aos resultados 98% das professoras ainda não possuem crianças com SCVZ na sala de aula e apenas 2% já havia ouvido falar especificamente sobre a SCVZ, não apenas da microcefalia. 42% conhece sobre algumas características da síndrome pela divulgação midiática e 71% delas acreditam que seja necessária uma formação específica para compreender e poder desenvolver atividades pedagógicas na creche.

Todas elas afirmaram não estarem preparadas para a chegada destes bebês nas creches. Em relação quais as necessidades de formação as categorias elencadas foram: Conhecimentos sobre Neurociência, Psicologia e desenvolvimento infantil, quais as características da SCVZ, sua causa e consequências, primeiros socorros, rotina familiar e atividades pedagógicas. 21% afirmaram que precisariam de conhecimentos para o planejamento de qualquer atividade ou pensamento a respeito.

Observemos algumas respostas:

Preciso aprofundar os conhecimentos sobre a microcefalia e como agir diante de cada grau de comprometimento. Ter conhecimento do ambiente familiar da criança. Buscar formações que contribuam para meu trabalho e o desenvolvimento da criança (estudos palestras pesquisa; Fazer um trabalho em equipe com toda a instituição escolar (P1, 2017).

Todos os conhecimentos possíveis para ajudar a criança a desenvolver (P2, 2017)

Acredito que toda comunidade escolar deve ser capacitada para saber receber a criança com microcefalia ou qualquer outra necessidade especial, desde o porteiro, merendeira, professores, auxiliares, coordenadores e gestores (P.3, 2017)

Não saberia como lidar de jeito nenhum (P.7, 2017)

Tais dados são alarmantes, embora não sejam uma surpresa, uma vez que, como mencionado, de fato, trata-se de uma situação nova, emergencial, complexa e, além disso, porém fica claro que a inclusão ainda é

A Lei de Diretrizes e bases, Lei 9.334 (LDB) e a Lei 8.069/90, o Estatuto da Criança e do Adolescente, assegura a permanência da criança com deficiência na Educação básica, viabilizando a oportunidade destas, terem acesso gratuito à educação de qualidade. Porém, acredita-se que promover um espaço pedagógico transdisciplinar, e eficaz na inclusão já é um grande desafio para os profissionais da educação, e será ainda maior para os docentes que

estarão responsáveis pelo ensino e cuidado dessas crianças, tendo em vista que este é um contexto epidemiológico recente e os mesmos possuem poucos ou nenhum conhecimento científico e pedagógico sobre a SCZV, não sabendo como lidar, além da prática pedagógica, com as dificuldades que as crianças apresentam desde convulsões à problemas na deglutição no horário da alimentação, como mencionado anteriormente.

Segundo Moraes (2015) existe ainda uma limitação e um desconhecimento ao olhar para transdisciplinaridade, devido à nossa formação e educação disciplinarizada. As escolas seguem o modelo industrial e mercantilista, no qual as crianças são preparadas para o mundo do mercado de trabalho, o que deixa longe das necessidades da criança com SCVZ. Moraes afirma que a transdisciplinaridade ainda continua sendo desconhecido por parte do corpo docente da educação fundamental e secundária, neste sentido, acrescentamos que não só por estes, mas pelos professores da Educação Infantil também.

Por ser a transdisciplinaridade uma forma diferente de abordar a construção do conhecimento, considerando um reencontro com o sujeito epistêmico, a lógica transdisciplinar é inclusiva, indo além dos campos disciplinares.

Para que haja um trabalho transdisciplinar nas creches com as crianças com SCVZ é indispensável primeiramente o trabalho pedagógico com afeto, sendo este indispensável na promoção do desenvolvimento das crianças com SCVZ. Momentos como a hora do banho, hora da alimentação, hora do sono, atividades lúdicas possibilitam o desenvolvimento das relações afetivas que influenciarão diretamente no desenvolvimento comprometido dos bebês.

As relações afetivas no período da primeira infância, dentro da escola, são importantes para o desenvolvimento da criança, por ser esse um lugar em que os bebês e as crianças passam boa parte do seu dia na primeira infância e compreendendo que nesta fase a criança encontra-se no período crítico do desenvolvimento, em que o cérebro está mais sensível a receber determinadas influências do meio. A compreensão do papel das relações afetivas pelos professores é de suma importância, levando em consideração o comprometimento do (neuro) desenvolvimento destes bebês, sendo de suma importância que ocorra um estabelecimento de relações interpessoais afetivas positivas para o cérebro (VILLACHAN-LYRA, 2017).

Como anteriormente mencionado, a criança com a Síndrome Congênita do Zica Vírus possui anomalias congênitas graves como a microcefalia, além de calcificações

intracranianas. A mesma apresenta anormalidades neurológicas e danos severos no cérebro infantil em desenvolvimento.

O professor, a partir da perspectiva transdisciplinar, possui um papel importante no desenvolvimento da criança que apresenta a SCZV, é necessário primordialmente haja uma compreensão clara de todos os aspectos do bebê, como os aspectos neurológico e biológicos do seu desenvolvimento do sujeito e quais as áreas afetadas na criança com SCZV compreendendo a multiplicidade e variabilidade da síndrome e como promover um ambiente rico em oportunidades e estimulação desde a entrada do bebê à creche superando os desafios de inclusão, criando possibilidades que minimizem o impacto da SCZV nas crianças afetada.

As interações estabelecidas dos bebês e crianças, seja nas situações de cuidado, como nas atividades pedagógicas influenciarão e potencializarão o desenvolvimento infantil da criança que apresenta a SCZV em todos os seus aspectos.

Trata-se, portanto, de captar o que é complexo, tecido em conjunto, não somente como informações procedentes de diferentes âmbitos disciplinares, mas como uma construção genuinamente singular do fenômeno humano, atendendo, dessa forma, às suas diversas dimensões, que não abarcam somente a natureza cognitiva referente ao hemisfério cerebral, mas também as dimensões afetivas, artísticas, estéticas, espirituais (...) é necessário haver mais poesia, afeto, sensibilidade, compaixão, ética, beleza, amor e muito mais humor para se trabalhar com a transdisciplinaridade em seu sentido mais pleno (MORAES, 2015, P.93).

O papel da família na escola, também é de suma importância. Levando em consideração de que a educação é transcendente, de responsabilidade, tanto familiar como comunitária (e ainda nacional e planetária).

Moraes (2015) afirma que, precisamos de uma educação competente, que se adeque à nossa condição humana e às demandas atuais, neste caso as necessidades das crianças com a SCVZ, que podem ser múltiplas e variadas, devido aos casos.

A sensibilidade será um dos elementos indispensáveis da transdisciplinaridade, no trabalho pedagógico e na inclusão. O educar com sensibilidade torna-se um grande desafio para os professores. Ela “nos ajuda a tirar força para que continuemos lutando, para nos equilibrarmos, sobrevivermos e nos afirmamos como seres humanos dignos de direitos [...] (MORAES, 2015, P.102)”. A sensibilidade fará o professor compreender o nível de realidade em que aquele bebê está inserido, e potencializar ao máximo esse sujeito, provendo a inclusão política, pedagógica e curricular, percebendo as emoções, valores e significados

A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral (MANTOAN, 2003, P.4)

## 5 CONCLUSÃO

Estamos em uma situação emergencial, bebês com a Síndrome Congênita do Vírus da Zika estão chegando nas creches. Expectativas e receios das mães, e desafios para dos professores. Vimos que uma educação disciplinar inclusiva não é suficiente.

Para uma inclusão eficaz é necessário que a criança seja observada e valorizada como um ser pleno. É necessária a visão transdisciplinar que transcende o disciplinar e o ilumina. É necessário que os professores vão além, levando em consideração o afeto e a sensibilidade. É necessário que eles explorem novos territórios, transgridam as barreiras do conhecimento, sejam conscientes. Uma escola transdisciplinar, segundo Moraes (P. 12015), é capaz de pensar, sentir, atuar e comprometer-se com mais humano do humano, com mais sensível, entranhável e essencial que nos caracteriza como indivíduos complexos e em permanente interação com a natureza e sociedade.” Receber estes bebês não é uma tarefa fácil, que requer olhares integradores, que estejam atentos ao seu desenvolvimento, proporcionando um ambiente pleno e rico em experiências com afeto e sensibilidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

EICKMANN, H. S. Et al. Síndrome da infecção congênita pelo vírus Zika. Cad. Saúde Pública vol.32 no.7 Rio de Janeiro, 2016.

GRUENDEL, J et al (2016) The Zika Virus: Implications for Collaboration across Human Services Agencies and State Action Plans. Disponível em [http://www.publicconsultinggroup.com/humanservices/library/white\\_papers/Zika%20white%20paper\\_final\\_Sept2016.pdf](http://www.publicconsultinggroup.com/humanservices/library/white_papers/Zika%20white%20paper_final_Sept2016.pdf) Acesso em 23 Agosto de 2017

MANTOAN, M.T.E. (2003) Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna. (Col. Cotidiano escolar).

MORAES, M. C. Transdisciplinaridade, criatividade e Educação: Fundamentos ontológicos e epistemológicos/ Maria Candida Moraes, colaboração de Juan Miguel Batalloso Navas. – Campinas, SP: Papyrus, 2015.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências / Boaventura de Sousa Santos. —5. ed. - São Paulo : Cortez, 2008.

VILLACHAN-LYRA, P. ALMEIDA, E. E HAZIN, I. (no prelo). Algumas contribuições da Neuropsicologia e da Psicologia do Desenvolvimento para o campo da Educação Infantil: O papel das relações afetivas. Em V. M. R. de Vasconcellos, K. Seabra e C.